

**heitor dos prazeres e infâncias negras:  
ciência, arte e relações étnico-raciais na educação infantil no brasil**

***heitor dos prazeres and black childhoods:  
science, art and ethnic-racial relations in early education in brazil***

*Alan Alves-Brito*

Instituto de Física e Faculdade de Educação  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Porto Alegre – Rio Grande do Sul

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5579-2138>

DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.14218614>

**Resumo:** Heitor dos Prazeres foi um extraordinário multiartista negro do século 20, cujas criações imortalizam formas muito particulares de enxergar as experiências negras no Brasil. Apesar de sua importância para o país, sua história é pouco conhecida como parte do racismo à brasileira. O objetivo do autor nesse artigo é apresentar uma Proposta de Sequência Didática (PSD), em perspectiva antirracista, que ao mesmo tempo recupere parte da história de Heitor dos Prazeres, criando modelos positivos de negritude para as infâncias, e explore os Campos de Experiências recomendados pelas diretrizes legais a serem trabalhados na Educação Infantil. O autor deseja explorar as relações entre ciências, artes e questões socioambientais presentes em uma pintura de Heitor dos Prazeres. O objetivo é contribuir com a formação inicial e continuada de professores, revisitando questões históricas, teórico-metodológicas e epistemológicas inerentes às infâncias negras e aos processos do estabelecimento da educação infantil no Brasil, entrecruzando ciências e artes.

**Palavras-chave:** (1) Infâncias negras; (2) Educação infantil; (3) EREER; (4) Lei N° 10.639/2003; (5) Heitor dos Prazeres.

**Abstract:** *Heitor dos Prazeres* was an extraordinary 20<sup>th</sup> Century black multi-artist, whose creations immortalize very particular ways of seeing black experiences in Brazil. Despite his importance for the country, his art and history are ignored, as part of Brazilian racism. The author's goal is to present a *Proposal for a Didactic Sequence* (PSD), from an anti-racist perspective, which at the same time recovers part of *Heitor dos Prazeres'* history and to highlight positive models of blackness for children, exploring the *Fields of Experience* recommended for Brazilian *Early Childhood Education*. Furthermore, the author wishes to explore the relationships between science, arts and socio-environmental issues, which are present in one *Heitor dos Prazeres'* paintings. The objective is to contribute to the initial and continuing training of teachers by reapproaching historical, theoretical-methodological and epistemological issues inherent to black childhoods and the processes of establishing early childhood education in Brazil, intertwining sciences and arts.

**Keywords:** (1) Black childhoods; (2) Early education; (3) EREER; (4) Law 10.639/2003; (5) Heitor dos Prazeres.

## **Infâncias negras: questões históricas e marcos legais fundamentais da Educação Infantil**

Etimologicamente, a palavra *infância* vem de *infant*, que quer dizer *um elemento de não fala, aquele que é sem voz e sem fala* (GOMES & ARAUJO 2014). Essa definição parece-me problematizadora o suficiente para nos ajudar a pensar, em especial, a questão das infâncias negras no Brasil, lembrando o papel do *racismo* na definição das condições de suas existências. *Racismo* é compreendido aqui como um sistema de opressão, uma tecnologia social de base colonial europeia que tem, no âmbito da modernidade ocidental, estabelecido violentos processos de superioridade racial garantindo que as experiências das pessoas brancas, em todos os sentidos da existência, sejam consideradas universais, a norma, perpassadas por um conjunto de privilégios, inclusive o direito inalienável à existência. Alternativamente, as pessoas negras são consideradas não pessoas, inferiores, desprovidas de pensamento e do direito à vida em sua plenitude. O *racismo*, o capitalismo e o patriarcado são sistemas globais que impactam as construções das ciências, das artes e das nossas relações socioambientais (ROSA; ALVES-BRITO & PINHEIRO 2020; ALVES-BRITO 2022a; FERDINAND 2022; ALVES-BRITO & DAVID 2024).

O *racismo à brasileira* (MUNANGA 2019) é, sobretudo, um *racismo* de marca, ou seja, baseado no fenótipo, nas características físicas das pessoas, de forma que no contexto educacional essas características físicas também serão supervalorizadas (se brancas ou mais próximas delas) e subalternizadas (se pretas ou mais próximas delas) no âmbito dos *racismos*:

- *subjetivo*<sup>1</sup>;
- *estrutural*<sup>2</sup>, e
- *institucional*<sup>3</sup>,

que nos organizam em sociedade (ALMEIDA 2019).

Desde a chegada dos europeus às terras que hoje denominamos Brasil até o presente momento, as lutas dos povos negros têm sido incansáveis. No século 20, a promulgação da *Constituição Federal de 1988* (BRASIL 1988), em seu Artigo 277, desempenha papel crucial no reconhecimento legal de que

---

<sup>1</sup> Ligado aos processos individuais, em que, por exemplo, no contexto da Educação, pessoas chave para o desmantelamento do *racismo* acabam por negá-lo.

<sup>2</sup> A escola é atravessada por questões sociais, políticas e econômicas estruturantes, o que a impacta em toda a sua forma de agir contra o *racismo*. Envolve, nessa dimensão, raízes históricas mais profundas, mas isso não quer dizer que não podemos mudar as estruturas ou que elas estão demasiadamente longe de nós. O *racismo estrutural* não pode ser uma desculpa para nos paralisar em ações micro e macro políticas.

<sup>3</sup> O papel das universidades e outras instituições de nível superior, bem como escolas, secretarias e outros órgãos e setores institucionais, públicos e privados, que deveriam agir para combater o *racismo* em todas as duas facetas.

crianças e adolescentes são sujeitos de direitos. No entanto, na prática, não quer dizer que as crianças, principalmente as crianças negras, conseguiram esses direitos. “*Não há uma infância universal*” (ARIÈS 1981). Em todas as esferas, públicas ou privadas, as infâncias negras têm sido negligenciadas no Brasil.

O caso do menino Miguel, morto em Pernambuco no auge da pandemia por COVID-19, escancara as relações assimétricas de gênero, raça e classe que têm nos atravessado como parte do *racismo à brasileira* e que impactam a vida de pessoas negras, principalmente de crianças: Miguel, uma criança negra pobre, morre ao cair de um prédio de luxo, vítima do tratamento negligente que lhe foi dispensado pela patroa (uma mulher branca *bem nascida*) de sua mãe Mirtes Santana (uma mulher preta retinta, pobre e empregada doméstica). A despeito das recomendações de se manter em isolamento e distanciamento social no âmbito de uma complexa crise sanitária, Mirtes precisava trabalhar durante a pandemia de COVID-19 acompanhada do único filho, Miguel, de 5 anos.

Além disso, outras estatísticas nada animadoras têm marcado as experiências das crianças negras no nosso país. Temos, por exemplo, conforme inúmeros dados disponíveis no país<sup>4</sup>, a alta taxa de assassinato de crianças negras; a presença majoritária de crianças negras entre aquelas que estão em situação de trabalho infantil ou em situação de rua; a maioria das vítimas de abuso e exploração sexual e outros tipos de violências; a maioria em situação de acolhimento institucional e em cumprimento de medidas socioeducativas<sup>5</sup>. Esses indicadores sinalizam bem o quão complexa é a questão dos corpos infantis negros no Brasil, que passam por processos de violência física, psicológica e simbólica ligadas ao trauma da escravidão (MUNANGA 2019).

De fato, o acesso de pessoas negras à Educação é uma reivindicação antiga dos movimentos sociais negros (GOMES 2017), mas sempre foi levada sem grandes considerações. Na contemporaneidade, a Educação pública, principalmente a Educação Infantil (negra), é tratada de forma leviana pelo Estado e pela sociedade brasileira.

A escola, em particular, como uma teia social importante na socialização de crianças negras, não é neutra e nem ingênua, e acaba por reproduzir as lógicas racistas e de extermínio que nos atravessam em nossas relações viscerais. Do ponto de vista da formação docente, é importante não naturalizar as duras realidades enfrentadas por crianças negras, mas

---

<sup>4</sup> Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/comunicados-de-imprensa/racismo-e-discriminacao-contra-criancas-e-adolescentes-sao-comuns-em-paises-de-todo-o-mundo>. Acesso em: 31/08/2024.

<sup>5</sup> Disponível em: <https://almapreta.com.br/sessao/cotidiano/brasil-tem-12-milhao-de-criancas-e-adolescentes-negros-em-situacao-de-trabalho-infantil/>. Acesso em: 31/08/2024.

entendê-las como parte do racismo que estrutura a sociedade brasileira desde a chegada dos colonizadores.

O acesso e a permanência de crianças negras à Educação tem sido um tema recorrente, do Brasil Colônia ao Brasil República. Estudos apontam que distintas instituições têm contribuído, ao longo da nossa história, para que crianças negras não cheguem à escola e nem nela permaneçam (*racismo institucional*) ou que, uma vez chegando, tenham as suas histórias e culturas tratadas como inferiores, seus e suas ancestrais destituídos(as) de humanidade e, as suas emoções e contribuições científicas, tecnológicas, literárias e artísticas tratadas como não conhecimentos, desprovidos de qualquer potência criativa (*racismo epistêmico*), como apontam Gomes & Araújo (2014), Carneiro (2018), Almeida (2019), Alves-Brito (2022b) e referências lá contidas. O apagamento das histórias e culturas negras no Brasil é atroz do ponto de vista da formação de crianças no Brasil.

Nesse aspecto, um dos grandes papéis da Educação Infantil antirracista que gostaria de aqui destacar é a devolução da voz e da fala para crianças negras, entendendo-as como sujeitos na relação com as crianças, jovens e pessoas adultas negras e não negras, humanizando os processos de suas relações com o mundo. As crianças negras são, de fato, a própria voz, e tudo aquilo que elas pensam sobre o mundo deve ser considerado, potencializado e reverberado em suas vivências e relações cósmicas.

Queremos fortalecer a autoestima e a capacidade de sonhar das crianças negras, que são desde o momento da concepção atravessadas pelo racismo em suas estruturas. O racismo, ao longo da vida estudantil e da mais ampla experiência das crianças negras, determina a forma de ser e estar no mundo destas crianças, materializando a ideia de que as suas potencialidades são finitas.

Nesse sentido, as crianças negras carecem, desde muito cedo, de modelos de pessoas negras potentes e expressivas em todas as áreas do conhecimento. Precisam compreender e conhecer as suas histórias, culturas e ancestralidades.

As crianças não negras, por sua vez, precisam também crescer construindo outros referentes de sociabilidade com o mundo, com o ambiente, as paisagens e principalmente com as crianças negras, percebendo-se desde as idades mais tenras como parte importante dos processos de coabitação, convivência e coexistência com a diferença.

As crianças negras e não negras têm o direito de saber, desde muito cedo, que distintos povos africanos (de origem *Iorubá*, *Fon* e *Angola-Congo*) contribuíram demasiadamente para a formação do que hoje denominamos Brasil. Além disso, essas crianças precisam se enxergar, com suas multiplicidades de cores, texturas variadas de cabelos, formatos de olhos, nariz, testa, orelha, cabeça e outras afrografias do corpo e da memória (MARTINS 2000) como descendentes de reis e rainhas, de pessoas que

desfrutavam de grande capacidade intelectual e sabedoria que se expressam em formas de resistência de ser, saber e fazer. São essas afrografias que garantem que corpos de crianças negras sejam *curriculantes* (MACEDO 2013). Isso implica que os corpos-territórios-pensamentos negros também definam um conjunto de práticas que busquem articular as experiências e os saberes ancestrais que perfazem um conjunto histórico, patrimonial, cultural, artístico, literário, socioambiental, filosófico, político, científico e tecnológico, que necessitam ser acionados para garantir o desenvolvimento integral de crianças negras nessa fase de sua formação.

Mas onde estão essas experiências, para além do *trauma da escravidão* (MUNANGA 2019), no chão das salas de aulas? Desde a infância, como são contadas as histórias e as formas de ser (ontologia) e conhecer (epistemologia) de crianças negras?

Em perspectiva histórica, o *trauma da escravidão* distribui condições adversas para as infâncias negras, que precisam na contemporaneidade reafirmar o compromisso ancestral com a felicidade, entendendo-a como um direito inalienável. A felicidade não como uma mercadoria, mas como um princípio fundamental de pertencimento ao mundo com todas as suas potências e integridades dignas de *corpos en-cantados e curriculantes* (MACEDO 2013).

Essas crianças precisam percorrer o *Irê Ayó*, o *caminho de alegria* (MACHADO 2019), e nós todos que formamos a sociedade brasileira temos o dever de garantir que isso aconteça. Infelizmente, há um percurso histórico de invisibilidade das realidades das crianças negras no Brasil que precisa ser rompido. Quando Sojourner Truth (1797-1883), importante abolicionista dos Estados Unidos, se pergunta no século 19 “*e não sou uma mulher?*”<sup>6</sup> para questionar o fato de que enquanto mulheres brancas da *primeira onda feminista* iam às ruas pedir o direito ao voto e ao trabalho, as mulheres negras já trabalhavam desde sempre como parte do sistema escravocrata, ela coloca à mesa o fato de seu útero ter sido também sequestrado pela escravidão, pois crianças (infâncias) negras escravizadas eram capturadas como objetos de trabalho para o sistema opressor.

É neste sentido que, como parte das lutas históricas dos movimentos sociais negros, somente em 2003, cinco séculos após a chegada das primeiras pessoas negras escravizadas, tivemos a primeira Lei aprovada no país para garantir a especificidade na formação estudantil, visando os valores da história e da cultura africana e afro-brasileira em todos os níveis da Educação Básica no Brasil. A Lei nº 10.639/2003 (BRASIL 2003), na verdade uma alteração da *Lei de Diretrizes e Bases da Educação* (LDB), Lei nº 9.394/1996 (BRASIL 1996), o artigo 26-A (LDB) é um dos marcos históricos da

---

<sup>6</sup> Disponível em: <<https://sismmac.org.br/sojourner-truth-mulher-negra-feminista-e-abolicionista/>>

Acesso em: 26/05/2024.

luta antirracista no país e um subsídio teórico-metodológico e epistemológico importante na efetivação e avaliação da presente PSD.

A Lei nº 10.639/2003 prevê o estudo da história e da cultura africana e afro-brasileira em todos os níveis da Educação Básica no Brasil, ajudando assim a fortalecer a autoestima e o senso de pertencimento de crianças negras, enaltecendo as suas histórias e culturas para que essas crianças se tornem conscientes de suas trajetórias e possam assim ser protagonistas nos processos de construção das relações e de criação das suas próprias possibilidades de *ser feliz*.

O projeto de *Educação das Relações Étnico-Raciais* é, portanto, um programa em construção, fruto das lutas dos movimentos sociais negros ao longo da história, desde a chegada das primeiras pessoas negras sequestradas do continente africano e trazidas ao Brasil como corpos escravizados. Desde o primeiro dia que pessoas negras desembarcaram nos navios pelo Oceano Atlântico há resistência contra o negacionismo do *racismo* e os perversos sistemas que entrecruzam a experiência do sistema escravocrata. O *Quilombo de Palmares* é um dos mais exemplares movimentos neste sentido (ALVES-BRITO 2022b) e, desde então, milhares de quilombos existem e resistem no país<sup>7</sup>.

É importante lembrar, no entanto, que passando pelo Brasil Colônia, Império e República, foram criadas várias leis que proibiam as pessoas negras de terem acesso à Educação. O pós-abolição, o 14 de maio de 1888, foi um dia sem futuro<sup>8</sup>, principalmente para as infâncias negras. Mas, ainda assim, temos também registros históricos de como as pessoas negras subverteram as lógicas dos sistemas vigentes que tentavam impedir que crianças negras tivessem acesso à educação. Por exemplo, clubes negros, irmandades, terreiros, e tantos outros espaços, foram criados ou usados para promover a Educação a partir dos valores e princípios de matriz africana, para garantir a ampliação da cidadania de crianças (futuros adultos) negras (GONCALVES & SILVA 2000). Mesmo antes da aprovação da Lei nº 10.639/2003 outros projetos marcantes, como o *Irê Ayó* (MACHADO 2019), foram criados Brasil afora.

Outro marco importante para a efetivação da Educação Infantil no país foi o estabelecimento das *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil* (DCNEI) (BRASIL 2010). De acordo com as DCNEI, um documento basilar para a sistematização de práticas de cuidado, Educação e brincadeiras na Educação Infantil, a Educação Infantil corresponde à

---

<sup>7</sup> Ver, por exemplo, o *Projeto Zumbi-Dandara dos Palmares*.

Disponível em: [www.ufrgs.br/zumbidandara](http://www.ufrgs.br/zumbidandara)

Acesso em: 31/08/2024.

<sup>8</sup> Sugiro ouvir a canção *14 de maio* de Lazzo Matumbi.

Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=sQo8gKGdH2U>>.

Acesso em: 22/05/2024.

*Primeira etapa da educação básica, oferecida em creches e pré-escolas, às quais se caracterizam como espaços institucionais não domésticos que constituem estabelecimentos educacionais públicos ou privados que educam e cuidam de crianças de 0 a 5 anos de idade no período diurno, em jornada integral ou parcial, regulados e supervisionados por órgão competente do sistema de ensino e submetidos a controle social (BRASIL 2010:12).*

De acordo com as DCNEI, crianças, por sua vez, podem ser definidas como:

*... sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura (BRASIL 2020:12).*

Do ponto de vista da diversidade racial no país e dos princípios das *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais* (DCNERER) (BRASIL 2004), as DCNEI explicitam que:

*... as propostas pedagógicas das instituições de Educação Infantil deverão prever condições para o trabalho coletivo e para a organização de materiais, espaços e tempos que assegurem o reconhecimento, a valorização, o respeito e a interação das crianças com as histórias e as culturas africanas, afro-brasileiras, bem como o combate ao racismo e à discriminação (BRASIL 2010:21).*

Já a BNCC (BRASIL 2018), outro documento fundamental na presente PSD, apesar de suas controvérsias, que têm sido discutidas ao longo dos anos (MICHETTI 2020; MASSONI; ALVES-BRITO & CUNHA 2021), apresenta e fundamenta cinco dimensões, ou campos de experiências, para as infâncias:

- o eu, o outro;
- e o nós;
- corpos, gestos e movimentos;
- traços, sons, cores e formas;
- escuta, fala, pensamento e imaginação;
- espaço, tempo, quantidades, relações e transformações.

No entanto, como de praxe, os espaços de ensino-aprendizagem acabam trabalhando com a ideia universal de infância, ou seja, branca, que não privilegia as experiências das infâncias negras e as contribuições das matrizes africanas e afro-brasileiras para esses ecossistemas de conhecimentos. Entendo que as questões étnico-raciais não devem estar ligadas a temas, mas devem ser parte pujante das experiências infantis de crianças negras e não negras desde muito cedo. Essa é uma etapa decisiva se quisermos de fato construir pessoas adultas preparadas para conviver,

coabitar e compartilhar o mundo com a *diferença*, sobretudo com as negritudes.

Em suma, cabe-nos perguntar:

- (1) Como podem brincadeiras e outras formas de sociabilidade na Educação Infantil prezarem pela integridade física, emocional (afetiva) e simbólica das experiências das crianças negras?;
- (2) Como docentes podem lidar em sala de aula quando uma criança, por exemplo, chama a outra de *macaca* ou diz coisas do tipo *volte para a senzala*?;
- (3) Como ressignificar expressões pejorativas e desconstruir o léxico baseado no preconceito e na discriminação racial?;
- (4) Como levar em conta as condições socioambientais em que vivem as crianças negras entendendo como tudo isso afeta os seus processos de ensino-aprendizagem, bem como a própria sociabilidade dessas crianças?, e
- (5) Como trabalhar questões que envolvem ciência e arte na Educação Infantil, potencializando as contribuições de pessoas negras nesses processos?

Esses são desafios colocados para todos nós. Sabemos que uma PSD não pode solucionar todos os problemas, e eu não sou ingênuo para pensar o contrário. Mas, sem dúvida, é preciso construirmos a *Educação Infantil em perspectiva antirracista*, para que todos ganhem e que possamos, coletivamente, cumprir o princípio e o chamado ancestral à felicidade.

Para aprofundar questões inerentes às práticas pedagógicas para a igualdade racial na Educação Infantil, recomendo a leitura da bela obra organizada por Silva Jr & Bento (2011), além de revistar os trabalhos inovadores da professora e pesquisadora Fátima Santana Santos e suas colaboradoras, à frente do *Centro Municipal de Educação Infantil Dr. Djalma Ramos*, na Região Metropolitana de Salvador, na Bahia<sup>9</sup>. Além disso, recomendo uma visita ao projeto *Equidade na Educação Básica*<sup>10</sup> e à *Rede Anansi, Observatório para a Equidade Racial na Educação Básica*<sup>11</sup>, do *Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdade* (CEERT). O

---

<sup>9</sup> Disponível em: [https://www.educacao.faber-castell.com.br/por-uma-infancia-escrevinte-praticas-de-uma-educacao-antirracista/?fbclid=PAZXh0bgNhZWQCMTEAAa7r89FyRZTDvbOcXsjsPbUsROWpPzDVXbSpI4zNwuApTeCEP3IRTVsSsJM\\_aem\\_J4iLXhtWBv58cOQ8b-RZ6A](https://www.educacao.faber-castell.com.br/por-uma-infancia-escrevinte-praticas-de-uma-educacao-antirracista/?fbclid=PAZXh0bgNhZWQCMTEAAa7r89FyRZTDvbOcXsjsPbUsROWpPzDVXbSpI4zNwuApTeCEP3IRTVsSsJM_aem_J4iLXhtWBv58cOQ8b-RZ6A). Acesso em: 31/08/2024.

<sup>10</sup> Disponível em: <https://editalequidaderacial.ceert.org.br/>. Acesso em: 31/08/2024.

<sup>11</sup> Disponível em: <https://anansi.ceert.org.br/>. Acesso em: 31/08/2024.

CEERT tem nos oferecido, ao longo de décadas, propostas revolucionárias para a construção da educação com equidade racial.

Argumento que a história, a obra e o legado cultural de Heitor dos Prazeres oferecem potencialidades para não somente contribuir com a formação de professores, mas também propiciar, em sala de aula, o vislumbamento da sua vida por meio dos campos de experiências da BNCC na Educação Infantil. A vida de Heitor dos Prazeres não pode apenas ser estudada por crianças e professoras negras. Todas as pessoas no Brasil deveriam saber sua história, conhecer os seus valores e suas perspectivas de mundo. A sua arte comunicava um país que ele viveu numa relação profunda com pessoas negras, sem perder de vista as opressões impostas pelos sistemas coloniais e capitalistas. Esta vida me instiga neste singelo projeto educativo, porque tal como acontece na ERER, é na *relação*, entre brancos e não brancos, que a vida de Heitor dos Prazeres ganha e faz todo o sentido.

*Nós temos um sonho.*

### **Heitor dos Prazeres** **Uma apresentação**

Heitor dos Prazeres (1898-1966) é uma das grandes figuras do Brasil profundo da virada do século 19 para o século 20. Compositor, cantor e artista plástico, trata-se de um homem negro (preto) que pouco ouvimos falar. Conforme se vê na abaixo, ele andava muito elegante, com roupas que ele mesmo costurava. A gravata em estilo borboleta era uma marca de seus vestuários.

**Imagem 1.** Heitor dos Prazeres, por volta de 1930.



**Fonte:** Wikimédia.

Eu, particularmente, levei mais de quatro décadas para conhecer, em profundidade, o legado desse homem negro, quando pude apreciar uma bela exposição para homenageá-lo, realizada no *Centro Cultural do Branco do*

Brasil (CCBB), no Rio de Janeiro, em 2023<sup>12</sup>. Confesso que deixei o CCBB completamente atônito e perturbado por tamanha injustiça. Como poderia ter levado tanto tempo (mais de quatro décadas) para conhecer aquele homem tão impressionante que acabara de testemunhar? Mesmo algumas de suas co-criações mais famosas — como a canção *Pierrot Apaixonado*<sup>13</sup> —, interpretada por personalidades icônicas como Maria Bethânia, passaram despercebidas por mim e por tantas outras pessoas.

Emocionado e impactado durante a exposição, me questionei como é que, até ali, eu praticamente não tinha escutado falar da existência marcante daquele homem preto, que tanto nos havia doado com o seu pensamento e força criadora?

Mas, sozinho e em silêncio, tendo a perspectiva da *Educação das Relações Étnico-Raciais* (BRASIL 2004) em meus horizontes acadêmicos e científicos, eu mesmo respondi à inquietação: não restava dúvida de que apenas uma palavra poderia explicar tamanha desfaçatez — o *racismo*. Somente o *racismo à brasileira* (MUNANGA 2019) poderia justificar o fato vergonhoso de que o trabalho artístico e a contribuição inequívoca e potente de Heitor dos Prazeres não tenham feito parte de meus (dos nossos) currículos e de minha (da nossa) experiência no campo da música e das artes de forma mais ampla no Brasil.

Filho de uma costureira, Celestina Gonçalves Martins, e de um marceneiro e clarinetista da *Guarda Nacional*, Eduardo Alexandre dos Prazeres, Heitor dos Prazeres era um multiartista, que não apenas compunha música, cantava e pintava, mas também costurava e construía instrumentos musicais a partir do domínio que também possuía, inspirado pelo pai, da marcenaria.

Conforme ele mesmo diz orgulhoso no belíssimo e curto documentário gravado em 1965<sup>14</sup>, Heitor dos Prazeres era carioca, da região central do Rio de Janeiro. Ele foi contemporâneo de figuras ilustres da nossa história como Tia Ciata, João da Baiana, Pixinguinha, Noel Rosa, entre tantos outros, e um dos fundadores da escola de samba da Portela. Foi Heitor dos Prazeres que deu nome à região central do Rio de Janeiro, entre a Pedra do Sal e a Praça Onze, denominando-a *Pequena África*, expressão ainda em vigor. O nome escolhido fazia alusão à marcante presença negra africana que lá vivia e que vive (e resiste) até o presente momento.

---

<sup>12</sup> Disponível em: <<https://cbb.com.br/programacao-digital/visita-guiada-heitor-dos-prazeres-e-meu-nome/>>  
Acesso em: 18/05/2024.

<sup>13</sup> Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=VtgsM6bMF2k>>  
Acesso em: 18/05/2024.

<sup>14</sup> Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=NSCYg3ZnDQY>>  
Acesso em: 21/05/2024.

## **A obra de Heitor dos Prazeres**

### **Articulações com ciências, artes e questões socioambientais**

Se, por um lado, as questões de ERER não devem estar focadas somente em certas disciplinas e áreas do conhecimento (como artes, história e literatura), por muito tempo se pensou que as ciências não deveriam fazer parte dos espaços de formação ou de interação cultural no contexto das infâncias (ARIÈS 1981).

No caso das crianças negras, esse dado é ainda mais drástico, porque sabemos que o *racismo cultural*<sup>15</sup> retira desde muito cedo as crianças negras do lugar de curiosidade, observação, descobrimento e indagação sobre o mundo à volta, características inerentes ao mundo infantil. Não é à toa que em muitas carreiras científicas temos ainda uma alta subrepresentação de pessoas negras (ANTENEODO *et al.* 2020; ALVES-BRITO 2020), pois desde muito cedo as narrativas de casa, da escola e da sociedade vão impossibilitando às infâncias negras a possibilidade de se realizarem como cientistas.

Sabemos, por exemplo, que as crianças vão perdendo ao longo da vida delas, à medida que vão crescendo, a curiosidade e desenvoltura para fazer perguntas. O *racismo científico*, uma pseudociência preponderante na nossa construção histórica das ciências e das artes (MUNANGA 2019), marcou severamente não apenas o acesso de crianças negras à Educação em Ciências, mas também retirou desses corpos a possibilidade de articulação de conhecimento. Em círculos de formação inicial e continuada de professores, quase sempre as infâncias negras são tratadas como problemáticas e não em suas potencialidades.

Argumento que as experiências de interlocução entre o campo das ciências e das artes devem ser trabalhadas desde muito cedo com os/as pequenos/as. Ciências e artes trabalham com o imaginário e com a curiosidade e, dessa forma, as experiências prévias das crianças devem ser levadas em conta. No caso das infâncias negras esse aspecto é ainda mais importante, pois elas tendem a ser menos ouvidas, percebidas, valorizadas em suas histórias e culturas. As ciências e as artes devem permitir que as crianças negras se conheçam e se permitam descobrir outros mundos a partir de suas próprias referências de matriz africana construídas na diáspora, que não podem ser subjugadas, inferiorizadas e/ou demonizadas como geralmente acontece.

Argumento ainda que o desenvolvimento da ideia de território é fundamental para as experiências das crianças negras em perspectiva antirracista, e as ciências e as artes devem permitir que as infâncias negras investiguem e se *en-cantem* pelo mundo a partir do seu território, físico e simbólico. É neste sentido que trabalho aqui com a ideia de que o corpo das crianças negras é *curriculante* (MACEDO 2013), porque ele é, de fato, um

---

<sup>15</sup> A ideia, por exemplo, de que crianças negras têm mais dificuldade para aprender.

corpo-território-pensamento (NASCIMENTO 2019). É um corpo que dança, *en-canta*, articula ciclos temporais e espaciais que obedecem a outras lógicas de ser criança, porque, em comunidade, conhece muito da vida e dos seus afetos. E, neste sentido, atividades que explorem a noção de corpo-território, percebendo não apenas os humanos, mas também os não humanos, os visíveis e invisíveis, os sons dos animais, as plantas, as relações de vida, as noções outras de espaço e tempo, a pesquisa a partir da experiência coletiva, serão bem-sucedidas. Todos esses elementos, como tentarei desenvolver mais adiante nesta PSD, estão presentes na obra *Festa de São João*.

Praticar ciências e artes nas infâncias negras é particularmente subverter a ideia de infância que mencionei anteriormente neste texto, dos/as que são calados/as e que não falam.

Será preciso saber escutar atentamente e afetuosamente as mais diversas curiosidades e questionamentos que as infâncias negras trazem ao mundo dos adultos, pois é por meio das ciências e das artes que as crianças negras poderão também aprender a romper, desde muito cedo, com ideias cristalizadas, preconceituosas e estereotipadas sobre o seu corpo, seus afetos e sobre as formas com as quais aprendem e pensam o mundo à sua volta. São noções importantes para que essas crianças possam, desde muito cedo, se posicionar de forma crítica perante o mundo que se move a partir do *racismo*.

Esse ecossistema de possibilidades se conecta aqui também à ideia de uma ciência onde as crianças negras são sujeitas e não objetos nas relações de ensino-aprendizagem. Diferentemente das lógicas das ciências e das artes brancas de origem ocidental, os corpos das crianças negras em perspectiva antirracista estão conectados à natureza, pois o *corpo-território-pensamento* é estendido a mundos visíveis e invisíveis, lidos por cosmopoéticas e cosmopercepções que envolvem todos os sentidos. São outras lógicas de ser, saber, conhecer, sentir e brincar na infância, como evidente na obra *Festa de São João*.

Argumento, neste movimento, que pensar os territórios negros experimentados desde a infância a partir de questões socioambientais, é também crucial para construirmos um outro projeto de sociedade que devolva humanidade para as crianças negras, compreendendo que, de fato, vivemos interligados com o planeta Terra da forma mais visceral possível. E esse pequeno planeta azul, que perfaz a sua dança diária em torno de si mesmo e, anualmente, em todo do Sol, é apenas um entre tantos planetas (mais de cinco mil no momento) e galáxias (pelo menos 200-400 bilhões no momento) a dançarem na imensidão do Universo.

A trajetória artística de Heitor dos Prazeres, no âmbito das artes visuais, é muito voltada para a favela, para os lugares onde as pessoas negras do Rio de Janeiro do século 20 viviam e se expressavam. A obra *Festa de São João* captura parte desse ambiente. No passado e no presente, ela

também nos faz refletir sobre questões socioambientais urgentes, como a ausência de serviços públicos nas favelas e nos bairros periféricos e a segregação socioespacial. Além destes, destaco a falta de água potável, a falta de saneamento básico, as enchentes, os lixos tóxicos, a poluição, a degradação das vegetações e dos rios, a precariedade da luz elétrica e da internet, a insegurança alimentar e o escasso acesso à educação e à saúde, todos eles elementos que materializam o *racismo ambiental*<sup>16</sup> e que podem ser discutidos a partir da linda pintura *Festa de São João*.

Nesse aspecto, é impossível olharmos para a *Agenda do Desenvolvimento Sustentável 2030* da ONU sem *racializarmos* a discussão (ALVES-BRITO 2021) e sem refletirmos o que significa, para as infâncias negras e quilombolas, por exemplo, a palavra *desenvolvimento*. Como nos ensina o grande pensador e tradutor de mundos, Nêgo Bispo, a palavra *desenvolvimento* pode ser lida como (des)envolver, se desconectar do todo (BISPO DOS SANTOS 2023). Na cidade ou no campo, os processos de ensino-aprendizagem das infâncias negras estão conectados às suas condições socioambientais básicas, ou seja, todos os elementos que irão negativamente afetar o meio ambiente em que essas crianças vivem e, conseqüentemente, impactar na sua qualidade de vida no planeta Terra: as condições básicas de saneamento, o desmatamento, a poluição da atmosfera, escassez e preservação de água, descarte irregular de resíduos, desperdício de alimentos e insegurança alimentar, uso desenfreado de agrotóxicos, o aquecimento global, a demarcação de terras, a insegurança e o *racismo ambiental* em suas múltiplas dimensões.

Nessa PSD, em particular, para além das questões já colocadas ao longo da fundamentação teórica, nos interessa indagar:

- (1) Quais são as conexões possíveis que podemos fazer entre a vida e o legado cultural de Heitor dos Prazeres e as infâncias negras no Brasil?, e
- (2) Como é que a sua obra (ou parte dela) pode nos ajudar a pensar ciência, arte, relações étnico-raciais e socioambientais na Educação Infantil?

Heitor dos Prazeres foi, um dia, uma criança negra. E, como muitas delas, uma criança desacreditada, silenciada, menosprezada. No documentário de 1965, Heitor dos Prazeres se afirma como um homem do povo. Ele afirma, filosofando, que ele é o ovo e o povo é a chocadeira. Para ele, a pintura é uma fuga das mágoas, das dores, dos sofrimentos e das

---

<sup>16</sup> Expressão cunhada em 1982 pelo afro-americano, ativista dos direitos civis, Benjamin Chavis. O *racismo ambiental* pode ser compreendido como o conjunto de fatores que colocam comunidades negras (e outros grupos subalternizados racialmente) a graves riscos de saúde por meio de políticas e práticas que as forçam a viver em condições sociais, econômicas, culturais e políticas desfavoráveis.

paixões. Ele se sente em outro mundo, um mundo de felicidade. A pintura proporciona a Heitor dos Prazeres uma alegria sem igual, uma riqueza que nenhuma moeda no mundo é capaz de pagar. É por meio da pintura que ele sonha com a música e com a alegria.

Sobre o seu processo criativo, Heitor dos Prazeres diz que ele pinta o que existe. Ele tem tudo do passado e do presente guardado na memória. No documentário, ele diz que não precisa ver modelos da cidade para pintar, pois a cidade antiga do Rio de Janeiro que ele pinta está guardada dentro dele. Ele consegue, pela memória, transportar as coisas antigas para os quadros. E, dessa forma, grande parte do que viveu na infância está imortalizado em suas pinturas. Ele comenta ainda que, na infância, a despeito da cartilha rotineiramente usada em seu processo de alfabetização, ele não conseguiu aprender a ler e a escrever, mas eram as ilustrações da cartilha que o seduziam. Ele se interessava, já na infância, em desenhar e colorir ilustrações.

Heitor dos Prazeres, do ponto de vista teórico para a presente PSD, é um referencial importante de inteligência e estética para crianças negras. Sua história e formas de resistência devem ser amplamente conhecidas e discutidas em sala de aula desde a mais tenra idade. A sua imagem, sua história e seu legado nos ajudam a construir, já na Educação Infantil, o senso de reconhecimento e de valorização da pluralidade étnico-racial no Brasil, com respeito à diferença e ao combate ao racismo (BRASIL 2003; 2004; 2010). Como o *racismo* não é um dado biológico, mas uma construção social e política (MUNANGA 2019), nenhuma criança nasce racista, mas aprende em sociedade a sê-lo. Nesse sentido, a história e a arte de Heitor dos Prazeres certamente podem contribuir para eliminar estereótipos sobre pessoas e culturas negras. São esses aspectos que me interessam ampliar na presente PSD.

### **Proposta de sequência didática (PSD)**

*Prezada(o)(e) Docente,*

*A partir de minhas inquietações no contexto da educação antirracista, ancorado no projeto de Educação das Relações Étnico-Raciais (BRASIL 2004), apresento uma Proposta de Sequência Didática (PSD) para auxiliar docentes na exploração de práticas pedagógicas antirracistas com foco na Educação Infantil usando, para isso, leituras e interpretações da pintura Festa de São João de Heitor dos Prazeres<sup>17,18</sup> (1898-1966) e suas relações*

---

<sup>17</sup> Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Heitor\\_dos\\_Prazeres#cite\\_note-11](https://pt.wikipedia.org/wiki/Heitor_dos_Prazeres#cite_note-11)>. Acesso em 18 Mai 2024.

<sup>18</sup> Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=NSCYg3ZnDQY>>. Acesso em 18 Mai 2024.

com ciências e questões socioambientais (ver *Procedimentos Metodológicos*).

Ao longo da PSD, estabeleço alguns apontamentos teóricos, metodológicos e epistemológicos visando a formação e atuação docente na Educação Infantil em perspectiva antirracista. Trago estratégias para fomentar a discussão sobre as relações entre as ciências e as artes e os dilemas socioambientais que nos atingem frontalmente na construção de outros referenciais para pensarmos os campos das experiências de ensino-aprendizagem no âmbito das infâncias negras no Brasil, pensando-as como corpos curriculantes (MACEDO 2013) que representam desafios e oportunidades para a Base Nacional Comum Curricular (BRASIL 2018) e a Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável da Organização das Nações Unidas (ONU)<sup>19</sup>.

### **Título**

Infâncias negras *en-cantadas* e curriculantes.

### **Público/Série**

Crianças de 3 a 6 anos (Educação Infantil).

### **Duração**

Um encontro (meio ou um turno).

### **Sugestão de caracterização das crianças**

Roupas coloridas e penteados livres. As roupas e penteados apresentados na pintura *Festa de São João* de Heitor dos Prazeres são apenas sugestões para as roupas e penteados das crianças. Deve-se privilegiar a liberdade, evitando homogeneização e folclorização.

### **Sugestão para ambientação da escola**

Referências à obra e à vida de Heitor dos Prazeres.

### **Sugestão de cenografia para a escola**

---

<sup>19</sup> Disponível em: <<https://brasil.un.org/sites/default/files/2020-09/agenda2030-pt-br.pdf>>.

Acesso em: 18 Mai 2024.

Cenário parecido ao composto na pintura *Festa de São João* de Heitor dos Prazeres, com cores, bandeirolas e outros objetos cênicos.

### **Campos de experiências da Base Nacional Comum Curricular**

- O eu, o outro, e o nós.
- Corpos, gestos e movimentos.
- Traços, sons, cores e formas.
- Escuta, fala, pensamento e imaginação.
- Espaço, tempo, quantidades, relações e transformações.

### **Objetivo geral**

Compreender, por meio da arte de Heitor dos Prazeres, como ciências, artes, relações étnico-raciais e questões socioambientais se entrecruzam e são fundamentais para explorar os distintos campos de experiência da Educação Infantil expressos na BNCC, em perspectiva antirracista, cruciais para a formação de professores.

### **Objetivos específicos**

- Apresentar e discutir a história e o legado cultural de Heitor dos Prazeres, tendo-o como modelo positivo de negritude para as infâncias negras no Brasil;
- Contextualizar os desafios e as oportunidades das infâncias negras no Brasil, corpos *en-cantados* e *curriculantes*;
- Apresentar a ERER como potencial estratégia teórica, metodológica e epistemológica para auxiliar na formação de crianças negras na Educação Infantil;
- Promover discussões sobre as relações entre as ciências e as artes e os dilemas socioambientais que nos atingem frontalmente, para a construção de outros referenciais curriculares e para pensarmos os campos de experiências de ensino-aprendizagem no âmbito das infâncias negras no Brasil a partir de perspectivas críticas da BNCC, e
- Contribuir com uma *Proposta de Sequência Didática* para a exploração de práticas pedagógicas antirracistas com foco na Educação Infantil.

### **Recursos**

- Giz
- Quadro
- Lápis de cor

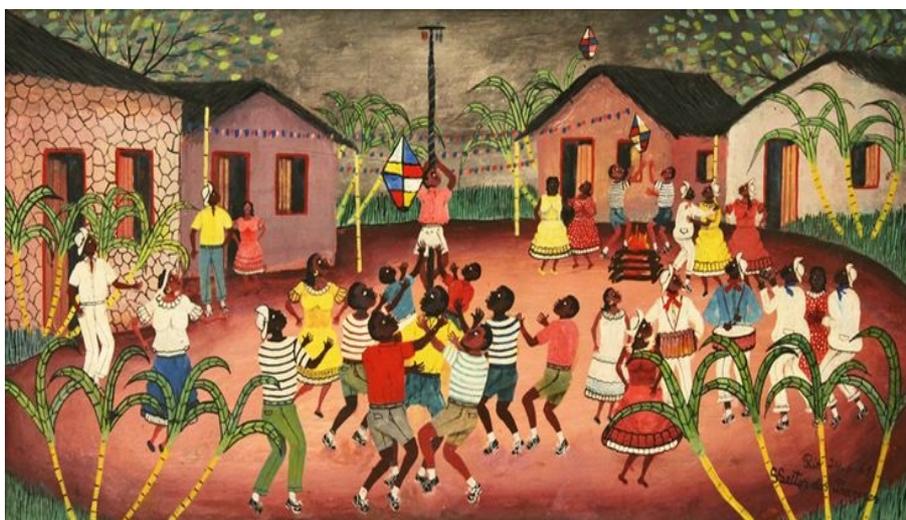
- Caderno de desenho
- Lápis
- Borracha
- Tintas
- Papel metro
- Caneta
- Projetor
- Internet
- Imagem impressa do quadro *A Festa de São João*
- Materiais recicláveis e descartáveis
- Materiais naturais (folhas, pedras, areia, entre outros)

### Procedimentos metodológicos

Para atingir os objetivos, recomendo que sejam desenvolvidas, ao longo de um ou dois turnos, um conjunto de atividades que permitam que distintos *Campos de Experiências da Educação Infantil*, expressos na BNCC, sejam trabalhados de forma integrada com crianças negras e não negras. Além disso, ao longo das atividades, as crianças irão experimentar seis direitos básicos: conviver, brincar, participar, explorar, expressar e conhecer-se.

No encontro anterior ao início das atividades, sugiro que o(a) professor(a) responsável solicite às crianças que estas tragam fotografias suas e de seus familiares. Algumas crianças, sobretudo as negras, podem não ter fotografias de seus avós e antepassados. Esse dado deve também ser contextualizado pelo(a) professor(a) como um sintoma de uma história que foi roubada da infância dessas crianças.

**Imagem 2.** *Festa de São João*, de Heitor dos Prazeres.



Disponível em: <https://virusdaarte.net/heitor-dos-prazeres-festa-de-sao-joao/>

Para o dia da atividade, sugiro que a escola e os ambientes onde as atividades serão colocadas em prática sejam preparados antes. Ofereci sugestões, mas o(a) professor(a) poderá preparar o ambiente da forma que achar mais adequada, preferencialmente buscando levar as crianças para o mundo da pintura a *Festa de São João*. As fotos, penduradas por meio de prendedores de roupas, deverão ser dispostas em um varal, a ser colocado no ambiente de realização da atividade.

Uma imagem da obra *Festa de São João* deve ser projetada para que todas as crianças consigam vê-la ou, alternativamente, deverá ser impressa em tamanho grande, exposta de forma que todas as crianças consigam enxergá-la em riqueza de detalhes. Com todos sentados em roda, sugiro que se apresente a obra de Heitor dos Prazeres e pergunte às crianças o que elas enxergam na obra. À medida que as crianças forem respondendo, o(a) professor(a) listará no quadro cada uma das respostas, ou seja, cada um dos elementos identificados pelas crianças. Espera-se que as crianças sejam capazes de captar os detalhes da obra: as cores, as formas, as crianças na roda a dançar, o balão, os instrumentos, as casas, a plantação de milho, o chão, o céu, além de outros elementos que chamem a atenção.

Em seguida, sugiro que se apresente a foto de Heitor dos Prazeres (Imagem 1) e fale um pouco sobre a sua biografia. Depois disso, o(a) professor(a) pedirá para que as crianças, em um exercício livre de imaginação, desenhem/imaginem como era Heitor dos Prazeres na infância. Para esse exercício, deverão ser oferecidos às crianças materiais de desenho em abundância.

Terminado os trabalhos, sugiro que as crianças coloquem as suas criações no varal, juntamente com as fotos que trouxeram de casa e, uma a uma, as crianças serão provocadas a compartilhar um pouco sobre o que notam de similar/diferente nas fotos de seus familiares e nos desenhos feitos sobre a infância de Heitor dos Prazeres. Espera-se que as crianças notem as diferenças físicas de seus familiares, bem como as cores e os formatos usados pelas outras crianças para desenhar Heitor dos Prazeres.

Feito isso, o(a) professor(a) indagará, em específico, sobre as crianças que brincam na roda no quadro de Heitor dos Prazeres: qual é a cor dos cabelos e da pele dessas crianças? Elas estão alegres? Tristes? Como elas estão vestidas? Estão descalças ou calçadas? O que as crianças estão fazendo? Dependendo das respostas, o(a) professor(a) deverá demorar-se no diálogo e na interação com as crianças de forma que as questões cruciais sobre o racismo, o preconceito e a discriminação racial sejam colocadas em discussão e aprofundadas com as crianças.

Até aqui, as atividades desenvolvidas permitem que se trabalhe com as crianças um importante *Campo de Conhecimento* na EI no âmbito da BNCC, ou seja, *O eu, o outro, e o nós*, só que em perspectiva antirracista. Nesse campo da BNCC, espera-se que as crianças:

- (1) manifestem seus interesses e respeitos por diferentes culturas e modos de vida;
- (2) ampliem as relações interpessoais e desenvolvam atitudes de participação e cooperação;
- (3) comuniquem suas ideias e sentimentos a pessoas e grupos diversos; e, por fim, e
- (4) demonstrem explicitamente a valorização e o respeito das características de seu corpo e dos outros (crianças e adultos) com os quais convivem.

Sugiro que, na sequência, se apresente uma das canções de Heitor dos Prazeres. Recomendo *Pierrot Apaixonado*<sup>20</sup>. A música deverá levar as crianças para o mundo mais íntimo de Heitor dos Prazeres. E, uma vez mais, se poderá explorar o potencial criativo de Heitor dos Prazeres, desconhecido ainda de muitas pessoas.

Logo após todos ouvirem a música, sugiro que se pergunte se as crianças são capazes de identificar, na imagem do quadro *Festa de São João*, que tipo de festa está sendo retratada na imagem: Natal? Carnaval? Ano Novo? Festa Junina? Qual?

Após ouvir atentamente as respostas, recomendo que se coloque uma música típica de São João para tocar, pedindo que todas as crianças deem as mãos e, em roda, dancem ao som da canção clássica *Asa Branca*<sup>21</sup>, de Luiz Gonzaga, como sugestão apenas, pois outras músicas típicas da região e mais significativas para as crianças poderão ser consideradas.

Tendo as imagens e as músicas trabalhadas em sala, sugiro que se siga provocando as crianças a construírem percepções e questionamentos sobre si e sobre os outros, fomentando que estas entrem em contato com outros grupos sociais e culturais, seus modos de vida e resistência, costumes e celebrações.

Ao trabalhar, em roda, a musicalidade que expressa, em certo sentido, a mensagem implícita no quadro de Heitor dos Prazeres, a professora aciona o *Campo da Experiência Corpos, gestos e movimentos*, o qual:

- (1) permite criar com o corpo das crianças formas diversificadas de expressão de sentimentos, sensações e emoções, por meio da brincadeira, dança e música;
- (2) permite ainda com que as crianças demonstrem controle e adequação do uso de seu corpo durante a dança e também durante a escuta e compartilhamento das histórias umas das outras, criando movimentos,

---

<sup>20</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Vtgsm6bMF2k>  
Acesso em: 30/08/2024.

<sup>21</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=vkHHC1VuMNC>  
Acesso em: 30/08/2024.

gestos e olhares de autoconhecimento e reconhecimento individual e coletivo.

Além disso, ao:

- (1) utilizarem sons produzidos por materiais durante a brincadeira de roda;
- (2) ao se expressarem livremente por meio do desenho, criando as imagens sobre a infância de Heitor dos Prazeres; e/ou
- (3) ao serem estimuladas pelo(a) professor(a) a vivenciarem distintas formas de som, as crianças desenvolvam o Campo da Experiência *Traços, Sons, Cores e formas*.

As atividades exploradas até aqui permitem que as crianças convivam com distintas e diferentes manifestações artísticas e culturais, experimentando variadas formas de expressões e linguagens. As crianças acabam, neste embalo, criando suas próprias manifestações artísticas, fortalecendo a sua noção de senso estético e crítico.

Para além das dimensões já trabalhadas, nota-se ainda que ao responderem aos questionamentos do(a) professor(a), as crianças estão também trabalhando no *Campo de Experiência* da BNCC para a EI denominado *Escuta, fala, pensamento e imaginação*. Por meio da fala e da escuta, e de seus desenhos, as crianças expressam ideias, desejos e sentimentos sobre suas vivências, por meio da linguagem oral e escrita de fotos, desenhos e outras formas de expressão com o corpo; elas produzem, assim, as suas próprias histórias orais e escritas/desenhadas.

É importante, neste estágio da atividade, que as crianças sejam estimuladas a falar e a ouvir; que as suas características físicas sejam colocadas em contexto e fortalecidas no âmbito da *diferença*. As crianças precisam se entender como pessoas singulares, pertencentes a um grupo social, percebendo a diversidade de formas de ser, estar e existir no mundo.

E, por fim, sugiro que as crianças sejam novamente orientadas pelo(a) professor(a) a seguirem olhando para a obra de arte de Heitor dos Prazeres. Recomendo, nessa etapa da atividade, que as crianças sejam estimuladas a falar sobre os espaços e os tempos que conseguem mapear/identificar na emblemática pintura *Festa de São João*.

Por exemplo:

- (a) *Espaço*: como são as casas vistas na imagem? Elas são diferentes das casas das crianças? Se sim, de que forma? Onde será, para as crianças, que a festa retratada na imagem acontece? Na cidade ou no campo? Há água potável? Há eletricidade? As ruas são calçadas? O banheiro está dentro ou fora das casas? Onde estão os animais do espaço retratado? Essas são sugestões de

perguntas que poderão, uma vez mais, potencializar o poder de criação/imaginação das crianças em torno da imagem apreciada.

Também se poderá indagar às crianças sobre a sua própria realidade: há água encanada em sua casa? A sua rua é calçada? Há lixo perto de sua casa? Que animais você vê todos os dias? O esgoto da sua casa e de seu bairro é tratado? Quando chove, há goteiras na sua casa e enchentes na sua rua ou em seu bairro?

- (b) *Tempo*: Qual é a festa típica que está sendo retratada na pintura? A festa acontece durante o dia ou à noite? Qual é a diferença entre o dia e a noite? Qual é a época do ano em que comemos mais milho? E como isso está conectado à festa que está sendo retratada na imagem?

Também se pode indagar às crianças sobre a sua própria realidade: há plantações de frutas e legumes nas suas casas? Há plantas em sua casa? De qual tipo? Qual é a melhor lembrança que você tem da Festa de São João? Você gosta desta festa? Por quê? Como você ocupa o seu tempo quando está em casa?

Nesta parte da atividade, almejo que as crianças possam desenvolver o *Campo de Experiência Espaço, tempo, quantidades, relações e transformações*. Aqui é crucial que as crianças se percebam como parte do mundo, e compreendam os espaços e tempos de diferentes dimensões, com implicações de fenômenos naturais e socioculturais. É preciso que as crianças compreendam o passar do tempo, a contagem e como espaço e tempo regulam as nossas vidas e as nossas memórias. Trata-se ainda de uma excelente oportunidade para que o(a) professor(a) possa trabalhar as noções de dia, noite, semana, mês e estações do ano com as crianças.

Sugiro que se desenvolvam estratégias para levar as crianças a serem capazes de olhar à sua volta e fazer as grandes perguntas, levantando hipóteses e buscando estratégias para buscar respostas às suas questões. Para crianças negras, esse exercício de *olhar à volta* é extremamente valioso, pois os seus bairros são, com frequência, atravessados por questões socioambientais desafiadoras – falta de saneamento básico; desmatamento; lixo; tensões territoriais, poluição atmosférica, escassez e preservação de água, entre outros já anteriormente mencionados nesta PSD. Para a concretização dessa parte da discussão/atividade, sugiro que o(a) professor(a) trabalhe a colagem para, junto com as crianças (em grupos), recriar a obra de Heitor dos Prazeres pela técnica de modelagem a partir de sacos plásticos de embalagens de uso único, tampinhas, areia, folhas,

pedras, garrafa pet e materiais recicláveis. A ideia aqui é que cada grupo de criança traga a sua própria recriação do quadro *Festa de São João*, conectada com questões que exploram a relação entre o ser humano, os não humanos e os ecossistemas. Ao longo do processo, se deverá refletir com as crianças o impacto da poluição do ar e dos oceanos, o aquecimento global, o desmatamento, além de outros efeitos que têm mudado a nossa vida no campo ou na cidade por conta da ação de alguns humanos, conectando a discussão ao contexto socioambiental sugerido na obra de Heitor dos Prazeres.

Ao final, cada grupo de criança fará o relato sobre a sua própria criação. Espera-se que as crianças busquem retratar as condições socioambientais expressas na obra *Festa de São João* e que a professora, em uma atividade externa, possa levar as crianças para perceber as relações espaço-tempo do bairro onde a escola se situa e também realizar visitas a aldeias indígenas, quilombos e bairros periféricos, em que as relações espaço-tempo estão demarcados de distintas formas.

Todos os materiais produzidos pelas crianças deverão compor o cenário da escola.

### **Avaliação**

Para a avaliação, sugiro que sejam desenvolvidas estratégias de diálogo com as crianças em processo contínuo, ao longo de todas as atividades, de forma a conhecer cada criança profundamente, vendo-a e ouvindo-a, observando os interesses de cada uma delas, expressos na forma de brincar, se movimentar, falar e interagir com os colegas, percebendo em particular as dinâmicas das crianças negras do grupo. Será preciso decifrar as suas variadas expressões e múltiplas linguagens colocadas em ação durante as atividades.

Esta PSD não é uma receita de bolo. Ela deve ser adaptada a cada realidade e, mais importante, reajustada para o cenário específico da escola ou do contexto cultural em questão, obedecendo às especificidades que porventura surgirão ao longo da PSD. As discussões e interpretações são apenas sugestões. Cada professor(a) poderá ampliar a discussão conforme o seu interesse e dinâmica de sua turma. Essa atividade poderá ser trabalhada também em tempo maior, caso seja necessário.

### **Considerações Finais**

Espero ter contribuído para, por meio desta PSD, fazer entrelaçar questões étnico-raciais, socioambientais, artísticas e científicas que perpassam a obra marcante de Heitor dos Prazeres, *Festa de São João*, como um exemplo crucial para ser trabalhado nos processos pedagógicos da Educação Infantil em perspectiva antirracista. Espero ter contribuído com

a formação de professoras da Educação Infantil que, em meio a tantos atravessamentos estruturais e institucionais, precisam também correr atrás de formações qualificadas com foco nas questões ERER. Além disso, espero ter contribuído para o processo de humanização das relações entre professores, pessoas educandas, escolas e comunidades, entendendo que a educação antirracista é um dever de todas as pessoas. E, mais importante, espero ter ajudado a difundir o pensamento e a obra do grande multiartista Heitor dos Prazeres, que o *racismo à brasileira* insiste em roubar de nós.

Em cada parte do desenvolvimento da atividade, é muito importante que o(a) professor(a) responsável reflita os seus questionamentos e estratégias didáticas de forma a tensionar o sistema de opressão vigente no Brasil, desde o colonialismo, que implica na ideia naturalizada e sem fundamento de que as pessoas negras são inferiores às pessoas brancas, em que a ideia de raça superior é reavivada nas relações sociais, culturais, econômicas e políticas do país. É na infância que as crianças começam a se comparar e a perceber as suas diferenças físicas, intelectuais e emocionais. Cabe aos professores (com o aparato de todo o corpo escolar, da família e da sociedade), no contexto da escolarização, serem capazes de identificar em sala de aula quais são os recursos afetivos e sociais que estão disponíveis para cada uma das crianças com quem convivem diariamente. Os corpos negros, como sabemos, são marcados de forma preconceituosa, carregados de estereótipos pejorativos. É preciso que seja dispensado a crianças negras e não negras o mesmo nível de atenção e compromisso com seu desenvolvimento integral como ser humano.

A *Base Nacional Comum Curricular* deve ser vista e lida de forma crítica, sobretudo quando se leva em conta as questões étnico-raciais. A *Agenda 2030* do desenvolvimento sustentável também precisa ser lida de forma crítica, pois as perspectivas negras, indígenas, quilombolas e de distintos povos tradicionais operam a partir de outros marcos de sustentabilidade, mais no sentido do *bem-viver*, ou seja, para além das lógicas mercadológicas que o próprio Heitor dos Prazeres questionou em vida, que não somente aprofundam desigualdades históricas, mas também acirram as questões socioambientais no país.

A obra de Heitor dos Prazeres, apropriada nesta PSD, favorece uma noção de território físico e simbólico em que crianças negras são retratadas pelo artista como pessoas alegres e bem vestidas, cumprindo o papel ancestral de *serem felizes* e recuperando também a ideia de *Irê Ayó*, o *caminho de alegria*, que perpassa a obra de Machado (2019). São crianças felizes, mas sobretudo crianças negras felizes, o que sintetiza talvez uma das maiores subversões aos sistemas históricos de opressão, e que seguem mais vivos do que nunca.

Crianças negras felizes movem uma noção de corpo-território que amplia os horizontes da Educação, que terá que articular outras lógicas de ser, saber, conhecer, sentir e brincar na infância, acionando todos os

sentidos. A noção de *desenvolvimento* científico, tecnológico e artístico e, em última instância, de *desenvolvimento* infantil (e do ser humano), ganha outros contornos quando as infâncias negras são consideradas desde o lugar da realização e da fruição do *bem-viver*.

Heitor dos Prazeres, em *Festa de São João*, traduz o quanto ser *criança negra* é singelo e potente, pois são corpos que trazem em si mesmos(as) uma memória ancestral que, na contemporaneidade, nos impele a construir outros processos de educação e de diálogo com o tempo, nada linear.

Heitor dos Prazeres, em sua *Festa de São João*, não apenas nos disse, mas também pintou com todas as belas cores que nos brindou que as crianças negras precisam ser ouvidas, encaradas como coautoras de si, como sujeitas sociais. Ele nos disse, por meio de seus pinceis de vida e esperança, que as crianças negras são, de fato, corpos políticos *curriculantes*, criadoras de sentidos, à medida que se movem, ensinam e aprendem (MACEDO 2013). Atrevo-me a dizer que esses sentidos atravessam as ciências, as artes e as suas próprias noções de ser e estar nos ecossistemas que as cercam.

E, por fim, reafirmo que não há como separar o *racismo*, em todas as suas facetas, da forma como vivemos as nossas relações sociais no Brasil. E, neste aspecto, precisamos nos voltar muito cedo para a Educação das crianças e para a Educação Infantil (antirracista) particularmente, sem subalternizá-la, inferiorizá-la e subestimá-la. E, dito isso, eu lhes pergunto:

— Para que esconder de nossas crianças histórias tão transformadoras da realidade e de sentidos, como esta de Heitor dos Prazeres?

Não há tempo a perder, pois nós *temos um sonho*.

## Referências

ALMEIDA, Silvio (2018). *O que é racismo estrutural?* Belo Horizonte: Letramento.

ALVES-BRITO, Alan (2020). “Os corpos negros: questões étnico-raciais, de gênero e Suas intersecções na Física e na Astronomia Brasileira”. *Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)*, Curitiba, v. 12, n. 34:816-840.

ALVES-BRITO, Alan (2021). *Educação escolar quilombola: desafios para o ensino de Física e Astronomia*. Plurais Revista Multidisciplinar, Salvador, v. 6, n. 2:60-80.

ALVES-BRITO, Alan (2022a). *Antônia e os cabelos que carregavam os segredos do Universo*. Curitiba: Appris.

ALVES-BRITO, Alan (2022b). *Zumbi-Dandara dos Palmares: desafios estruturais e pedagógicos da Educação Escolar Quilombola para a promoção da equidade racial no Brasil do século 21*. 1. ed. São Paulo: Pragmatha.

ALVES-BRITO, Alan & DAVID, Claudia (2024). “Sobre o direito de (re)existir e ser Quilombola: o caso do Licenciamento da BR 386 no Rio Grande do Sul”. *Revista Da Associação Brasileira De Pesquisadores/as Negros/As (ABPN)*, 15(43).

ANTENEODO, Celia *et al* (2020). Brazilian physicists’ community diversity, equity, and inclusion: A first diagnostic. *Physical Review Physics Education Research*, New York, v. 16, n. 1, p. 1-13, 2020.

ARIÈS, Philippe (1981). *História social da criança e da família*. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC.

BISPO DOS SANTOS, Antônio (2023). *A terra dá, a terra quer*. São Paulo: Ubu Editora.

BRASIL (1988). *Constituição da República Federativa do Brasil*. Diário Oficial da União, Brasília, 5 de outubro.

BRASIL (1996). *Lei nº 9.394*. Institui a Lei de diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, 20 de dezembro.

BRASIL (2003). *Lei nº 10.639*. Inclui no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”. Brasília, 9 de janeiro.

BRASIL (2004). *Resolução nº 1*. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Brasília, 17 de junho.

BRASIL (2010). *Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil*. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. / Secretaria de Educação Básica. — Brasília : MEC, SEB.

BRASIL (2018). *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: Ministério da Educação. Disponível em: <[http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_EI\\_EF\\_110518\\_versao\\_final\\_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versao_final_site.pdf)>.

Acesso em: 26/05/2024.

CARNEIRO, Sueli (2018). *Escritos de uma vida*. Belo Horizonte: Letramento.

FERDINAND, Malcon (2022). *Uma ecologia decolonial: pensar a partir do mundo caribenho*. São Paulo: Ebu Editora.

GOMES, Nilma L. & ARAÚJO, Marlene de (2014). “Estudo teórico sobre Infância, Educação Infantil e Relações étnico-raciais: alguns pontos para pensar a Infância de 0 a 5 anos”. In. COELHO, Wilma de Nazaré Baía [et al] (Orgs.). *A Lei nº 10.639/2003: pesquisas e debates*. São Paulo: Editora Livraria da Física.

GOMES, Nilma L (2017). *O movimento negro educador: Saberes construídos nas lutas por emancipação*. São Paulo: Editora Vozes.

GONÇALVES, Luís Alberto O. & SILVA, Petronilha B. Gonçalves e (2000). “Movimento negro e educação”. *Revista Brasileira de Educação*. n. 15.

MACEDO, Roberto (2013). *Atos de currículo e autonomia pedagógica*. Petrópolis: Vozes.

MACHADO, Vanda (2019). *Irê Ayó: uma epistemologia afro-brasileira*. Salvador: EDUFBA.

MARTINS, Leda Maria (2021). *Performances do tempo espiralar: poéticas do corpo-tela*. Rio de Janeiro: Cobogó.

MASSONI, Neusa; ALVES-BRITO, Alan & CUNHA, Alexander (2021). “Referencial curricular gaúcho para o Ensino Médio de 2021: contexto de produção, ciências da natureza e questões étnico-raciais”. *Revista Educar Mais*, 5(3):583–605.

MICHETTI, Miqueli (2020). “Entre a legitimação e a crítica: as disputas acerca da Base Nacional Comum Curricular”. *Rev. bras. Ci. Soc.* 35, 102.

ROSA, Katemari; ALVES-BRITO, Alan & PINHEIRO, Bárbara C. S. (2020). “Pós-verdade para quem? Fatos produzidos por uma ciência racista”. *Caderno Brasileiro de Ensino de Física*, v.37, 3:1440-1468.

SILVA JR, Hédio & BENTO, Maria Aparecida Silva (Orgs.) (2011). *Práticas pedagógicas para igualdade racial na educação infantil*. São Paulo: CEERT.

### **Sobre o Autor**

**Alan Alves-Brito** é Astrofísico, Graduado em Física (UEFS), Mestre e Doutor em Ciências (USP, astronomia), com estágios de pós-doutorado no Chile (PUC) e na Austrália (Swinburne University; Australian National University). Completou Especialização em Literatura Brasileira (UFRGS) e atualmente cursa Doutorado em Educação (UFRGS). Professor Adjunto no Instituto de Física da UFRGS. Coordena projetos nacionais e internacionais voltados aos estudos da astrofísica, educação e divulgação em ciências. Coordenador do Núcleo de Estudos Africanos, Afro-Brasileiros e Indígenas (NEABI/UFRGS), membro dos Programas de Pós-Graduação em Física (UFRGS), Ensino de Física (UFRGS) e Divulgação em Ciências (Fiocruz) e de distintas sociedades científicas. Autor de artigos e livros, é finalista do Prêmio Jabuti 2020 e ganhador do Prêmio José Reis de Divulgação Científica e Tecnológica do CNPq (2022), na categoria pesquisador e escritor.